

PRÁTICAS DE LEITURA: INTERESSES E HÁBITOS EM FOCO

READING PRACTICES: HABITS AND INTERESTS IN FOCUS

Aline Cristina Bueno Balicki¹
Leandra Ines Seganfredo Santos²

RESUMO: A finalidade deste artigo consiste em apresentar e discutir dados de uma pesquisa realizada em uma escola municipal no Mato Grosso. Muito se tem discutido a respeito da leitura, seus benefícios na aprendizagem e sobre um aspecto que muito tem preocupado os educadores - a falta do hábito de ler de nossas crianças e jovens. Neste sentido, o objetivo do estudo realizado, foi verificar os fatores que influenciam interesses e hábitos de leitura de crianças do 3º ano do ensino fundamental. Dentre os resultados alcançados, concluímos que muitos fatores influenciam nos interesses e na formação de hábitos de leitura, dentre eles: ambiente familiar, qualidade e diversidade de materiais de leitura, liberdade de escolha, acesso aos livros, técnicas de leitura, motivação do professor e o ambiente de leitura na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, leitura, interesses e hábitos.

ABSTRACT: This paper presents and discusses the data from a research conducted in a public school in Mato Grosso State. A lot of studies have been discussed about reading, learning and its benefits, and about an aspect that has worried teachers - the lack of reading habit in our children, teenagers and young people. The study aimed to investigate factors that influence reading habits and interests of children in the 3rd year of elementary school. Among the results, we conclude that many factors influence the formation of interests and reading habits, such as: family environment, quality and diversity of reading materials, choice liberty, the access to books, reading techniques, teacher motivation and reading environment at school.

KEYWORDS: Education, reading, interests and habits.

¹ Graduada em Pedagogia (UNEMAT/Sinop). E-mail: crisbalicki@hotmail.com

² Doutora em Estudos Linguísticos/Linguística Aplicada. Professora de Metodologia do Ensino (Língua Portuguesa para Início da Escolarização; Arte para Início da Escolarização e História para Início da Escolarização), Curso de Pedagogia (UNEMAT/Sinop). E-mail: leandraines@hotmail.com

1. Introdução

Entendemos que a leitura é uma prática indispensável em nossas vidas, pois é através dela que compreendemos o mundo que nos cerca, ou seja, é ela que nos possibilita interpretar o sentido das coisas que estão ao nosso redor. Por meio do ato de ler, aprendemos inúmeras coisas, enriquecemos o vocabulário, obtemos conhecimentos, intensificamos o raciocínio e a interpretação.

No entanto, muitas crianças não gostam de ler, o que deveria ser uma prática prazerosa porque desenvolve as potencialidades intelectuais do sujeito. Nesse sentido, realizamos uma pesquisa com o objetivo de verificar fatores que influenciam interesses e hábitos de leitura de crianças do 3º ano do ensino fundamental de uma escola da Rede Pública de Ensino.

O assunto é relevante porque a leitura está presente em nossa vida todos os dias. Desde quando saímos de casa nos deparamos com nomes de ruas, com faixas, com comunicados, ou seja, com vários meios de leitura. Acreditamos ser necessário compreender o que pode levar a criança a se desinteressar pelo ato de ler, verificando se os fatores que facilitam ou inibem o desenvolvimento pela leitura estão presentes na vida dela.

Assim, este trabalho pretendeu descobrir o que leva muitas crianças a não gostar de ler, fato que tanto incomoda os professores. Neste sentido, tentamos responder a alguns questionamentos no decorrer da pesquisa, tais como: Há disponibilidade de livros em casa e na escola? Qual o tempo destinado para ler? A leitura é vista como dever ou forma de descoberta? Os alunos têm a liberdade de escolher os livros que desejam ler?

É possível que o problema de a criança não querer ou não gostar de ler seja determinado, a princípio, por estes fatores: pouca disponibilidade de livros, a leitura vista pelo aluno como dever, falta de tempo para ler, livros indicados pelo professor que exigem habilidades ainda não alcançadas entre outros que foram averiguados e levantados no decorrer do estudo.

A realização da pesquisa se justifica pelo reconhecimento da importância do ato de ler e também porque os índices educacionais apontam que a maioria dos alunos não lê ou tem dificuldades na leitura.

Em 2003, por exemplo, o Brasil obteve desempenho insatisfatório em duas grandes pesquisas: uma nacional, a do Instituto Paulo Montenegro que divulgou que 72% dos jovens são analfabetos funcionais; outra internacional, o Programa Internacional para Avaliação de Estudantes-PISA, apontou o Brasil como o país que ocupa o 37º lugar em letramento de leitura (PEREIRA, texto *on-line*).

2. Conceituando leitura

Muitas pessoas ainda consideram a atividade de leitura como uma decodificação da linguagem escrita. Sabe-se, atualmente, que o conceito de leitura vai muito além desta visão tradicional “[...] aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados” (MARTINS, 2003, p. 34).

O que vemos é que, muitas vezes, a própria criança acaba compreendendo a leitura como decodificação e este problema se inicia desde a alfabetização, quando o professor apenas pretende alfabetizar o aluno e não letrar também, ou seja, quer ensinar ao aluno apenas o sistema convencional da escrita. Ele não desenvolve no aluno as habilidades de uso da leitura e escrita nas práticas sociais, não insere a criança no mundo letrado, o que as faz não compreenderem o sentido dos textos o que, muitas vezes, gera o problema do domínio precário de competências de leitura ou até o analfabetismo funcional (ROJO, 2009).

Soares (2004) afirma que letramento e alfabetização não podem dissociar-se, pois a criança entra no mundo letrado simultaneamente por esses dois processos; a alfabetização se desenvolve por meio das atividades de letramento, ou seja, através de práticas sociais da leitura e da escrita que só podem se desenvolver por meio da alfabetização. A partir deste entendimento, de que se deve alfabetizar letrando, para que o indivíduo compreenda verdadeiramente o significado do ler e escrever, é que afirmamos novamente que a atividade de leitura não pode ser correspondida como a simples decodificação de símbolos, porque desta forma torna-se mecânica, e leitura significa interpretar o que se lê.

Koch (2002) nos traz uma concepção interacional de língua, em que o sentido do texto é construído na interação entre sujeito e texto. Portanto, nesta concepção, a leitura é uma atividade que considera as experiências e conhecimentos do leitor e exige muito mais que o

conhecimento do código linguístico, já que o leitor não apenas decodifica o texto, mas constrói um sentido através da interação sujeito-texto.

Neste sentido, os PCN de Língua Portuguesa afirmam que a leitura

[...] é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significado do texto, a partir dos seus objetivos, do conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata 'simplesmente de extrair a informação da escrita' decodificando a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica necessariamente, compreensão. (BRASIL, 2001, p. 41).

Percebemos que a assertiva acima corrobora a concepção de Koch, sendo o leitor quem constrói o sentido do texto. Os PCN (BRASIL, 2001) destacam, ainda, que a decodificação é apenas uma das etapas do desenvolvimento da leitura. As outras etapas são: a compreensão das ideias percebidas, a interpretação e a avaliação. A partir disto, vemos que estas etapas dependem uma da outra e para a leitura ser realizada é necessário não só a decodificação, mas também a compreensão, assim elas estão interligadas. Portanto, a leitura envolve estratégias que permite que o indivíduo compreenda o que lê, em busca do que os PCN caracterizam como "leitor competente":

Um leitor competente é alguém que por incentivo próprio é capaz de selecionar, dentre os trechos que articulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégia de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade. (BRASIL, 2001, p. 54).

Para que as crianças se tornem leitoras competentes é necessário que além de aprender a ler, aprendam interpretar o que leem e que o ato de ler seja para compreender as palavras, a história e juntamente com o texto construir o sentido dele. Deste modo, é importante que o ensino do código da escrita se fundamente em contextos significativos para a criança, colocando-as em contato com vários tipos de textos, como, por exemplo, *outdoors*, placas, anúncios, embalagens, facilitando assim a aprendizagem; e, não em situações onde o ensino do código é de forma

isolada e descontextualizada, pois a criança não compreenderá o significado da escrita. Neste sentido, a função da escola é possibilitar ao aluno a continuidade da leitura de mundo que ele já possui, sendo que ele traz para a escola um universo individual que deve ser estimulado e aproveitado pelo professor para introduzir a leitura da palavra escrita.

3. Atividades de leitura: defesa de práticas prazerosas

A leitura é uma prática que deve ser feita não apenas na escola, mas em todos os ambientes possíveis, haja vista sua finalidade de formação social e intelectual dos leitores. Por meio dela a linguagem melhora, desenvolve-se a capacidade crítica, estimula-se o imaginário, dúvidas são respondidas, abrem-se possibilidades de encontrar novas ideias. Segundo Abramovich (1997, p. 143) “ao ler uma história à criança desenvolve todo um potencial crítico e a partir disto ela pode pensar, duvidar, questionar. Pode se sentir inquieta, querendo saber mais e melhor e perceber que se pode mudar de opinião.”

No entanto, por que algumas crianças não gostam de ler? Bamberger (2000) afirma existir fatores que influenciam nos interesses de leitura e, dependendo das circunstâncias que cercam a criança, ela se tornará um leitor ou não, ou seja, os estímulos que ela recebe para ler, o acesso aos livros e o ambiente familiar de leitores possibilitam tornar a criança interessada na leitura. Portanto, se há um aluno totalmente desinteressado pelo ato de ler, o professor necessita observar também estes critérios, pois a justificativa para tanto desinteresse pode estar na falta de estímulos, na falta de acesso a bons livros, na falta de convivência com pessoas leitoras etc.

Além de contribuir para a construção de conhecimentos, a prática de ler permite que a linguagem do indivíduo seja ampliada, ou seja, é essencial para a criança passar a dominar sua linguagem oral e escrita. Assim, ela não só estará ampliando seu vocabulário, como também melhorando sua forma de se expressar e interagir na sociedade.

Zilbermam (2003) destaca que a linguagem presente nos livros precisa ser observada pelo professor antes de indicá-los para os alunos, sendo que o livro deve conter uma linguagem que consigam entender, porque se houver palavras difíceis de compreender, logo desistirão da leitura. Neste sentido, é importante que o material para realizar a leitura seja selecionado obedecendo uma gradação e sequência, de acordo com

a faixa etária, o gosto e a preferência dos alunos, e sempre fazer uma relação com o contexto sócio-cultural em que vivem.

De acordo com Silva (2004), além de o professor conhecer o material a ser lido, é necessário também saber abordá-lo. Muitas vezes, a leitura é vista com uma forma de preencher o tempo da aula em que o professor apenas dispõe os livros para os alunos ler, mas é importante que estes saibam o porquê de estarem lendo. Assim, o professor deve estabelecer um objetivo para essa atividade e mostrar a importância dessa nova habilidade que eles estão conquistando, a leitura deve aguçá-la a imaginação e os interesses das crianças por outras leituras.

É preciso cuidar para que a prática de ler não se torne uma tarefa mecânica, repetitiva, quando o aluno lê apenas para que o professor observe os acertos e erros, ou seja, leituras feitas sem objetivos significativos que resultam em falta de compreensão do que se leu. O aluno lê apenas porque o professor pediu ou porque é uma avaliação. Isso acontece muitas vezes, na sala de aula, a prática de ler fica focalizada apenas em leitura de textos de livros didáticos e, posteriormente, o aluno deve responder questionários, fazer exercícios gramaticais ou escrever uma redação a partir do texto, ou seja, o aluno não tem o espaço de ler para se divertir. Não lê porque ele quer, mas porque lhe é imposto. Assim, a criança poderá adquirir aversão à leitura e praticá-la apenas quando for "obrigado" e não descobrirá o prazer que esta prática poderia lhe proporcionar. Nesse sentido, "para que a leitura se torne um objeto de aprendizagem é necessário que ela faça sentido para o aluno" (BRASIL, 2001, p. 54), corroborando com pressupostos defendidos por Abramovich (1997), ao asseverar que o processo de leitura tem de superar a concepção do dever, e, portanto, privilegiar a descoberta. Esse é um aspecto que também gera o problema de a criança não gostar de ler, quando esta não vê a leitura com encantamento, nem como forma de descobrir o mundo, mas como uma obrigação a cumprir, porque não foi motivada como deveria para a produção da leitura.

Para possibilitar a mudança desta visão de leitura como dever, é importante que o professor abra espaços para atividades novas em que a leitura não seja imposta ou como forma de avaliação, ou seja, atividades ligadas a ela que possa trazer prazer para as crianças, tais como, discutir sobre as partes da história, pintar, desenhar, fazer teatros no contexto da história, fazer perguntas, comentários etc.

Neste sentido, os PCN (BRASIL, 2001, p. 58) destacam que para tornar alunos bons leitores a escola:

[...] terá de mobilizá-los internamente [...]. Precisarás fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que conquistado plenamente dará autonomia e independência [...]. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente.

Para que o professor propicie momentos agradáveis de leitura, entendemos ser necessário que ele esteja atento às especificidades dos seus alunos, observando, questionando, para conhecer os interesses, as dificuldades, os temas que mais motivam os alunos. Identificar o que eles já sabem, verificar se é apenas na escola que a criança tem contato com os livros. Além disso, “é importante que os assuntos escolhidos correspondam ao mundo da criança e aos seus interesses” (GOÉS, 1991, p. 23). E para que o aluno possa gostar desse momento, o professor não pode achar que um mesmo livro poderá interessar a todos, ou distribuir livros sem conhecer as necessidades, os gostos do aluno. Silva (2004) destaca que o professor deve facilitar o desenvolvimento do gosto de ler, reunindo vários livros interessantes, de acordo com a fase intelectual do grupo e deixá-los escolher livremente, conforme seu gosto e identificação. De acordo com Goés (1991, p.22),

A liberdade de escolher influi muito no prazer pela leitura, o ideal da leitura é: educar, instruir e distrair sendo que o mais importante é a terceira. O prazer deve envolver tudo o mais. Se não houver arte que produza prazer, a obra não será literária e sim didática.

Fator muito importante também na formação de leitores é o uso da biblioteca, pois é ali que a criança tem um maior acervo de livros em que pode escolher o que mais lhe atrai e também a oportunidade de expandir seus conhecimentos. Neste sentido, o professor deve possibilitar, em sua rotina, a frequência dos alunos a este espaço que, de acordo com Bamberger (2000, p. 76), é um dos “meios para o desenvolvimento dos interesses de leitura e do hábito de ler”.

Importa-nos destacar também, com base neste autor, que não são apenas o conteúdo e os temas da leitura decisivos para despertar o interesse pela leitura. Vários outros fatores também são importantes,

como: o tamanho da letra, sendo que nos primeiros anos de leitura, os livros utilizados devem conter letras grandes; espaçamento entre as linhas; divisões do texto; ilustrações, já que as gravuras atraem a atenção da criança e também facilitam a compreensão do texto; a disponibilidade de livros; o tempo que a criança tem para ler; as dificuldades do texto, quando a criança pega o livro para ler e logo desiste, pode ser que o texto seja muito difícil e exija habilidades de leitura que ela ainda não alcançou. Talvez, ela não tenha desistido porque o livro não é interessante, mas porque encontrou muitas dificuldades para ler, daí a necessidade de se selecionar livros de acordo com a dificuldade do aluno.

Outros fatores que Bamberger (2000) aponta são em relação à leitura oral: quando a criança lê após a outra, geralmente, ela se concentra apenas na parte que ela vai ler, assim não sente o ritmo do texto e não aprende a valorizá-lo. A correção que os professores fazem, no momento da leitura oral, leva a criança a ficar com medo de errar e não prestar atenção no significado do texto. O desinteresse também pode acontecer, quando é usado apenas um livro de leitura e textos já conhecidos.

Sabemos que a família também tem uma grande importância nesse processo de incentivo, pois é no ambiente familiar que a criança pode iniciar seus interesses pela leitura. Isso acontece quando os pais permitem que o contato dela com os livros seja iniciado o mais cedo possível. Assim, quando chegar à escola, não classificará o livro apenas como um trabalho escolar. É importante, pois, haver livros no meio dos brinquedos das crianças para elas folhearem, olharem gravuras, já que isto lhes chama a atenção e pode desenvolver seus interesses em aprender a ler, ou seja, é necessário “despertar o mais cedo possível o amor pela leitura e fazer dele um hábito que se transforme parte da vida” (GOÉS, 1991, p. 43).

Outro incentivo que os pais podem proporcionar aos seus filhos acerca da leitura é a contação de histórias desde pequenos. Através do conto, a criança pode conhecer coisas novas, iniciando o processo da construção da linguagem, oralidade, valores, ideias, despertar a disposição para a leitura etc. O hábito de ler precisa ser estimulado o mais cedo possível para que o indivíduo aprenda a ler e para que se torne um adulto culto, dinâmico e crítico, conforme afirma Bamberger (2000, p. 92), já que “o desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que começa no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua vida afora”.

A devida atenção a estes critérios pode permitir melhoras no desenvolvimento da leitura de uma forma agradável, sendo que este processo será realizado com sucesso, pois as crianças melhorarão suas competências e seus interesses serão estimulados.

4. Pressupostos metodológicos

Para a realização deste estudo, utilizamos uma metodologia de caráter qualitativo, do tipo estudo de caso (GOLDENBERG, 2005). Mediante os objetivos do estudo, do ponto de vista da abordagem, optamos por realizar uma pesquisa de natureza descritiva, sendo seu objetivo conhecer e interpretar a realidade por meio da observação, descrição e interpretação dos dados, sem nela interferir para modificá-la.

Como instrumentos, utilizamos a observação sistemática (RUDIO, 1986, p.44). Os registros decorrentes das observações foram feitos em diário de campo, ressaltando aspectos como conteúdos desenvolvidos em sala, reação dos alunos, postura da professora, condições do ambiente, entre outros. Também utilizamos questionários fechados para coletar os dados dos alunos. Para verificar como as professoras compreendem e trabalham a leitura na sala de aula, utilizamos entrevistas semi-estruturadas (TRIVIÑOS, 1987).

A pesquisa foi realizada durante os meses de maio, junho e julho de 2009 em uma escola pública municipal de ensino regular em um município mato-grossense. Os sujeitos participantes desta pesquisa foram alunos de duas turmas de terceiro ano do ensino fundamental, com idades entre 7 e 11 anos, resultando em um total de 45 alunos e duas professoras formadas em Pedagogia.

5. Evidenciando práticas e concepções de leitura no contexto investigado

Durante as observações realizadas nas salas de aula, constatamos que a prática da leitura tem sido uma das preocupações das educadoras e têm ocupado um lugar de destaque, pois todos os dias são destinados alguns momentos para esta prática, por meio de livros de literatura infantil, textos poéticos, textos informativos, entre outros. Portanto, as educadoras trabalham os gêneros textuais discursivos, sempre instigando os alunos sobre as características de construção de cada tipo de texto.

Verificamos que o momento dedicado a leitura ocorre todos os dias, no início da aula, que vai de 15 min. a 30 min. sendo que, na maioria das vezes, os alunos podem escolher o que desejam ler e, logo após a leitura, eles têm a liberdade de comentar sobre o que leram. Algumas vezes, as professoras distribuíram os livros, mas os alunos tinham a liberdade de trocar e pegar aquele que o interessasse. Percebeu-se também que as educadoras trabalham diariamente com a leitura compartilhada de diferentes tipos de textos, textos estes que são utilizados durante a aula para fazer atividades de interpretação, entre outras.

Sobre o comportamento dos alunos, nos momentos da leitura, observamos que a maioria deles apresenta o interesse e a vontade de ler e também procura compartilhar as histórias lidas com seus colegas. Nos momentos em que a professora conta uma história, percebemos que eles ficam mais atentos quando esta é dramatizada e parece que grande parte dos alunos prefere que a professora conte uma história do que ler um texto informativo ou outro tipo de texto. Em relação às práticas de leitura, o que se observou por parte dos alunos, foram algumas dificuldades de compreensão e interpretação e, em determinados casos, também na decodificação do texto.

5.1 Práticas e concepções de leitura: as professoras

Partindo de uma concepção de leitura que vai muito além da decodificação do código escrito, buscamos verificar a concepção atual das professoras pesquisadas e constatamos que se alinham às defendidas neste estudo, pois acreditam que ler é fundamental para o indivíduo, compreender o que está ao seu redor, para interpretar o que as palavras nos trazem e que deve ser um prazer e não uma obrigação.

Para elas, o ambiente familiar é um fator que influencia muito nos interesses e hábitos de leitura, sendo que quando os pais têm contato com a leitura e as pessoas que convivem em sua casa são leitores isto contribui para desenvolver na criança o gosto pelo ato de ler. As professoras afirmaram que são poucos os pais que incentivam os alunos a lerem e percebem isto quando trazem textos bem comuns do universo da leitura e os alunos dizem que nunca ouviram. O mesmo acontece quando pedem para que eles contem alguma história que os pais lhes contaram e são poucos que o fazem, pois muitos pais ainda não têm este hábito.

Sobre esta falta de estímulo da família, percebemos que isto tem sido uma preocupação das educadoras, pois muitas famílias ainda veem a escola como a única responsável pela formação de leitores e, assim, não contribuem no processo de incentivar à leitura. Acabam, pois, oferecendo apenas brinquedos ou outros meios de lazer que não sejam os livros.

Percebemos que estas falas corroboram com Bamberger (2000), ao afirmar que os fatores contextuais influenciam nos interesses e no gosto pela leitura, ou seja, as circunstâncias que cercam a criança poderão torná-la um leitor ou não, sendo que os estímulos que ela recebe para ler, o ambiente familiar de leitores possibilita tornar a criança interessada na leitura. Neste sentido, torna-se fundamental a família criar em casa um ambiente literário onde a criança recebe estímulos que serão muito importantes na sua formação como leitora.

Para as docentes investigadas, poucos são os alunos que não gostam de ler e procuram mostrar o gosto pela leitura a fim de motivá-los mais a lerem. Acreditam que pela motivação do professor, o aluno sentirá mais vontade de ler e, assim, passará a buscar o conhecimento em várias fontes de informações. Sobre a importância de o professor mostrar seus hábitos e os seus gostos de leitura Bamberger (2000, p. 74) destaca estar claro “que a personalidade do professor e, particularmente, seus hábitos de leitura são importantíssimos para desenvolver o interesse e o hábito de leitura nas crianças”. É sublinhado que a dinâmica de aprendizagem ligada à leitura centra-se também na prática do professor, da forma como se atualiza, do que lê, da forma como lê e se relaciona com seus alunos.

As professoras afirmaram, ainda, que os alunos possuem preferências distintas de tipos de leituras: alguns gostam dos textos narrativos, outros dos textos informativos e, principalmente, dos contos de fadas. Os tipos de textos também foram citados por elas como fatores que influenciam, e acreditam que é necessário trabalhar a leitura com textos que chamem a atenção dos alunos e sempre apresentar novos tipos. Além disso, a forma que o educador lê e lida com a leitura também influencia, ressaltando assim a importância de o professor mostrar seus hábitos e o seu prazer pela leitura. Asseveram que o contar história é fundamental para incentivar a leitura, e os alunos gostam muito de ouvir. Na concepção de Abramovich (1997, p. 23), “o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo”, assinalando a

importância do ato de contar histórias para incentivar e criar nos alunos o gosto pela leitura. Durante as observações, verificamos que realmente ocorre a contação de histórias e que, quando a professora as dramatiza, os alunos ficam mais atraídos por ela.

Ao diagnosticar a ausência de biblioteca na escola, questionamos as professoras sobre o que poderia ser mudado se ela existisse e as educadoras disseram que seria muito bom, pois os hábitos de leitura poderiam ser construídos com mais facilidade, pois poderiam levar os alunos para visitá-la todos os dias com um número maior de exemplares que poderia incentivá-los muito mais a lerem.

5.2 Práticas e concepções de leitura: os alunos

Quanto aos alunos, constatamos que a maioria deles lê porque gosta. E ao questionarmos sobre os temas que mais os atraem, verificamos que possuem preferências distintas. Deste modo, percebemos que estão tendo acesso a diferentes tipos de leitura.

Compreendemos que o contato com a diversidade de temas é um atrativo para o aluno se interessar pela leitura, pois a partir deste contato ele tem a possibilidade de estar sempre conhecendo e se interessando por novos temas influenciando na formação do hábito de ler. Nesta perspectiva, é importante ressaltar a importância de o professor saber selecionar o material apropriado para cada faixa etária e até fazer uma pesquisa para descobrir os temas que mais atraem seus alunos, os temas que eles ainda não conhecem e desejam conhecer, ou seja, estar sempre que possível apresentando novos materiais de leitura para eles. De acordo com Bamberger (2000), para formar jovens leitores bem sucedidos é necessário apresentar-lhes o material de leitura apropriado, de modo que ele não desenvolva apenas habilidade de leitura, mas também desenvolva interesses de leitura capazes de durar por toda a vida.

Quando perguntamos se eles praticavam a leitura em casa, obtivemos as seguintes respostas: dos quarenta e cinco pesquisados, vinte e dois afirmaram que leem sempre; dezessete, às vezes; quatro responderam que leem somente quando a professora pede; e, dois afirmaram que nunca leem em casa. Aqui, torna-se necessário, mais uma vez, ressaltar a importância do incentivo da família para que a criança possa se tornar um leitor, pois o exemplo que os pais dão em casa pode

influenciar no desenvolvimento de hábitos de leitura. Um exemplo que os pais podem dar é oferecendo livros de presentes para seus filhos e iniciar estes incentivos o mais cedo possível, pois o valor e a importância que se dá à leitura começam em casa muito antes da escola.

Neste sentido, corroboramos com Bamberger (2000), ao afirmar que desenvolver o interesse e o hábito pela leitura, é um processo constante que começa muito cedo em casa, aperfeiçoa-se na escola e continua pela vida inteira. Ele ainda ressalta que um dos fatores mais importantes que influenciam o interesse pela leitura é a “atmosfera literária” que a criança encontra em casa. Para ele, a criança que ouve histórias desde cedo, que tem contato direto com livros e que seja estimulada, terá um desenvolvimento favorável ao seu vocabulário, bem como a prontidão para a leitura.

Sobre o ouvir histórias em voz alta, trinta e nove alunos responderam que gostam desta prática. No entanto, apenas vinte e cinco deles afirmaram que os pais contam histórias para eles. Para Goés (1991), contar histórias para as crianças é um incentivo que os pais podem proporcionar em relação à leitura, ou seja, quando os pais contam histórias para seus filhos, eles estarão contribuindo para o desenvolvimento de interesses e hábitos de leitura e também dando continuidade aos trabalhos da escola. É, também, uma forma de o professor estimular a leitura, já que a maioria dos alunos revelou que gosta de ouvir histórias em voz alta, porém não são todos os pais que têm este hábito. Assim, é importante que o professor explore esta técnica na escola, pois estará utilizando uma prática que os alunos gostam e poderá contribuir para incentivar o gosto pela leitura.

Interessou-nos também saber se os alunos tinham livros em casa. Os dados revelaram que dos quarenta e cinco investigados, trinta e oito afirmaram que tinham e trinta deles afirmaram que leem esses livros. Sobre a importância da família, na continuidade das atividades escolares, Cagliari (1993, p. 148) enfatiza que “a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma.”

No que concerne à preferência de o aluno escolher o livro para ler ou a professora escolher por ele, trinta e cinco alunos responderam que preferem escolher seus livros. Percebemos então que, como afirma

Goés (1991), a liberdade de escolher os livros para ler influencia no prazer pela leitura, ou seja, quando o professor oferece esta abertura ao aluno, estará contribuindo para um momento de leitura agradável para o aluno, possibilitando-lhe construir hábitos de ler.

Perguntamos, também, sobre os tipos de leitura que eles preferem. Dentre as opções livros, revistas, gibi, jornais, textos da *internet*, receitas e outros, verificamos que a maioria dos entrevistados gosta de ler textos com muitas ilustrações e pouca escrita, já que vinte e um deles responderam que preferem o gibi.

De acordo com Moraes, os prazeres da leitura são múltiplos. Para ele,

Lemos para saber, para compreender, para refletir. Lemos também pela beleza da linguagem, para nossa emoção, para nossa perturbação. Lemos para compartilhar. Lemos para sonhar e para aprender a sonhar (há várias maneiras de sonhar [...]). A melhor maneira de começar a sonhar é por meio dos livros [...]. (1996, p. 12-13).

Sabemos que estes tipos de leitura chamam a atenção das crianças, pois as gravuras facilitam o entendimento da história. Além disso, esse tipo de material é de fácil acesso, já que são encontrados na escola e também no ambiente familiar.

Apesar da preferência dos alunos por textos com ilustrações, percebemos que as professoras procuram trabalhar a partir de uma diversidade textual, durante as aulas, sempre apresentando novos materiais de leitura como panfletos, receitas, revistas, textos da *internet* e pudemos perceber que os alunos também se atraem por esses gêneros textuais.

6. Considerações finais

A partir desta pesquisa, realizada com o intuito de verificar fatores que influenciam interesses e hábitos de leitura de crianças do 3º ano do ensino fundamental, podemos concluir, através das discussões com alguns autores e dos dados obtidos, que todos os fatores citados influenciam interesses e hábitos de leitura. Apresentamos, a seguir, uma

síntese dos fatores que influenciam a leitura, de acordo com as professoras e os alunos pesquisados.

De acordo com os professores investigados, os fatores que influenciam interesses e hábitos de leitura são:

- a) Ambiente familiar/ incentivo dos pais;
- b) Motivação do professor;
- c) Tipos de textos;
- d) Contato com livros;
- e) Prática de contar histórias/ Técnicas de leitura e,
- f) Dificuldades dos alunos em ler.

Os dados referentes aos alunos, por sua vez, mostram que os fatores são os seguintes:

- a) Ambiente familiar/incentivo dos pais;
- b) Contato com diversidade de material de leitura;
- c) Prática de ouvir histórias/ Técnicas de leitura;
- d) O acesso aos livros;
- e) Liberdade de escolha do material de leitura, e;
- f) O modo como a leitura é compreendida, ou seja, uma obrigação ou prazer.

Percebemos, através desta síntese, a complexidade que envolve a temática leitura, pois são muitos os fatores que influenciam a criança a se interessar ou não por ela e, além disso, o ato de ler envolve particularidades individuais como gostos, preferências, interesses. Em outras palavras, cada sujeito tem o seu modo de escolher um material de leitura, tem as suas preferências por determinados assuntos ou tipo textuais. Há, ainda, os diferentes interesses que podem ser influenciados pelo ambiente familiar e este ainda é mais complexo, porque vivemos em uma sociedade onde modelos de família mudam constantemente. Existem aqueles pais que contam histórias, compram livros, ou seja, procuram incentivar, de alguma forma, o interesse de seu filho pela leitura. No entanto, há também aquelas crianças que não encontram, no ambiente familiar, um incentivo, um apoio até para desenvolver as habilidades na

leitura, são pais que por algum motivo não contam histórias ou não têm o conhecimento da importância que seus incentivos podem fazer para que seus filhos criem o hábito de ler.

Não podemos deixar de ressaltar a grande importância da escola neste processo, visto que, ainda hoje, muitas crianças têm a oportunidade de contato com os livros apenas neste espaço, e assim percebemos a necessidade da valorização, da busca pela qualidade dos materiais, do tempo reservado à leitura. Enfim, é necessário pensar sobre as condições do trabalho do professor em que ele possa também ter alternativas, em que a qualificação responda às necessidades das crianças que não têm o incentivo familiar para criar o hábito de ler e aumentar as possibilidades das que têm o acesso. É importante repensar os modelos das escolas quanto à organização dos espaços de leitura, constituindo-se como uma referência capaz de atrair os alunos, privilegiando, por exemplo, a liberdade de o aluno escolher e ler seu livro na posição que preferir (sentado no chão, na cadeira, em bancos).

A contação de histórias dramatizadas é uma prática que o aluno gosta muito. Após o momento do conto, o professor pode ainda solicitar um teatro, organizar o cantinho da leitura, ou seja, desenvolver práticas que lhes chamam a atenção. O que não pode acontecer é tornar o momento da leitura monótono, enfadonho, em que o aluno lê apenas para treinar e mostrar ao professor habilidades de leitura. É necessário ir além da decodificação do código escrito, o aluno precisa ter a oportunidade de conhecer as funções da escrita no seu dia-a-dia, e isto é possível através do letramento, que privilegia a compreensão do sentido dos textos, ou seja, é através do letramento que o aluno pode compreender verdadeiramente o significado do ler e escrever (ROJO, 2009).

Portanto, para possibilitar o desenvolvimento de interesses, gostos e a formação do hábito de ler, o momento da leitura tem que ser o mais agradável possível. Neste sentido, o professor precisa encontrar modos que façam a leitura na escola se tornar algo prazeroso, capaz de motivar o aluno a desejar ter um maior contato com a prática da leitura, além do ambiente escolar.

Referências

- ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- ANDRÉ, M. E. D. *Etnografia da prática escolar*. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.
- BAMBERGER, R. *Como incentivar o hábito de leitura*. São Paulo: Ática, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretária da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação. Língua Portuguesa*. 3. ed., Brasília, 2001.
- CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 1993.
- GOÉS, L. P. *Introdução à literatura infantil e juvenil*. 2. ed., São Paulo: Pioneira, 1991.
- GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar. Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. 9. ed., Rio de Janeiro: Record, 2005.
- KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- MARTINS, M. H. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- MORAIS, J. *A arte de ler*. São Paulo: UNESP, 1996.
- PEREIRA, I. *A importância da leitura nas séries iniciais*. Disponível em <http://www.webartigos.com/articles/3046/1/a-importancia-da-leitura-nas-series-iniciais/pagina1.html>. Acesso em: 20 jul. de 2008.
- ROJO, R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.
- RUDIO, F. V. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. 33. ed., Petrópolis: Vozes, 1986.
- SILVA, E. T. *Leitura na escola e na biblioteca*. 2. ed., São Paulo: Papirus, 2004.
- SOARES, M. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2004.
- TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.
- ZILBERMAN, R. *A literatura infantil na escola*. 11. ed., São Paulo: Global, 2003.

Recebido em: 10/03/2011

Aprovado em: 02/09/2011